

Reedição digital do conto

Carlos
Augusto
Lyster
Franco

»»AURI SACRA FAMES!««



Ilustrado por
Kristina
Golodwink

Ficha Técnica:

Título: Conto “Auri Sacra Fames” in Illuminuras (contos e novellas)

Autor: Carlos Augusto Lyster Franco, professor e diretor da Escola de Desenho Industrial de Pedro Nunes, no início do séc. XX, atual Escola Secundária Tomás Cabreira, escola sede do Agrupamento com o mesmo nome.

1ª Edição: Faro. 1908.

Reedição digital: BEAETC – Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira, Faro.

Julho. 2019.

Ilustrações: Kristina Golodwink (aluna da escola secundária de Tomás Cabreira, turma 12ª 4ª de Artes Visuais, professora Dulce Bulha)



Edições BEAETC – Coleção Cont’Arte – Publicações e homenagens a atuais e antigos autores do Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira.

A presente edição digital surge inserida no Projeto Cont’Arte da RBE, que tem como objetivos recordar e homenagear antigos e atuais alunos, professores e assistentes das escolas do Agrupamento Tomás Cabreira, promovendo a leitura e divulgação das suas obras.

Edição digital anotada e atualizada (segundo o acordo ortográfico de 1990)

AURI SACRA FAMES!¹

A RODRIGUES DAVIM.

De quem me devo queixar?
De vós que pudera ser,
não vos sabe alma culpar
fica somente o sofrer,
se mais fica é suspirar.

Sá de Miranda

Era à hora melancólica do entardecer.

Pelos montes esmaivavam² languidamente as flores e, na ramaria viridente³ do arvoredo, as aves executavam os últimos trilados⁴ do seu vespertino despedimento a Febo⁵, o Luminoso!

Deposto o cinzel⁶, Fídias⁷ encostara-se ao plinto⁸ de uma das estátuas em que trabalhava, ocultando o rosto entre as mãos e conservando-se tão alheio a tudo que nem sequer percebeu que, entre as

¹ Maldita fome de ouro. Expressão de Virgílio que condena a ambição desmedida.

² Perdiam a cor

³ Verdejante, viçoso

⁴ Canto dos pássaros, o mesmo que trinados

⁵ Deus romano equivalente ao grego Apolo que personificava a luz, a música, a poesia...

⁶ Ferramenta de corte utilizada pelos escultores

⁷ Escultor Grego

⁸ O elemento que fica diretamente sob a base de um pilar, pedestal, estátua ou monumento

colunas estriadas do pórtico, aparecera o anguloso e esquelético vulto de Diógenes⁹.



Tendo subido os três carcomidos degraus da escadaria, o Cínico deteve-se espriando a vista pelo extenso horizonte que dali se lhe oferecia e em cuja amplidão as tintas do crepúsculo iam delineando quiméricas¹⁰ visões...

Quase a sumir-se, através de nuvens de carmim¹¹ orladas de oiro, o sol tinha fulgurações rubras e punha nas águas dormentes do Ilissus¹²,

⁹ Filósofo grego, conhecido por “O Cínico”

¹⁰ Impossíveis de realizar

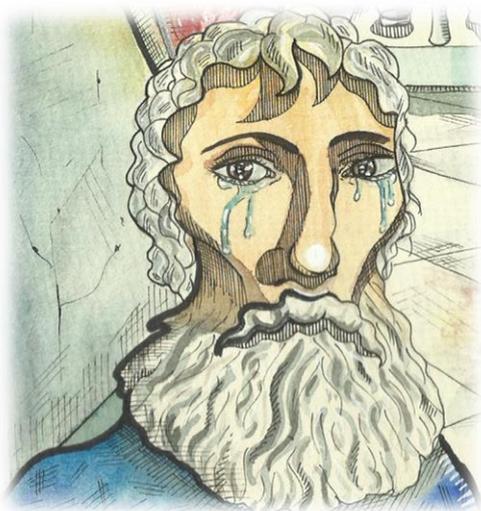
¹¹ Cor vermelha muito viva

¹² Rio de Atenas

faíscas filiformes¹³ que reluziam e, pouco a pouco, se iam delindo¹⁴ na poeira violácea¹⁵ do poente.

Ao fundo, num branco levemente enrubescido, destacavam-se, sobre o verde rôfo¹⁶ dos loireiros¹⁷, as rígidas muralhas da Acrópole¹⁸, cujas grimpas¹⁹ culminantes se recortavam no lilás do céu.

Acabada a contemplação, o filósofo abeirou-se do artista e perguntou-lhe, solícito, a causa daquele abatimento, daquela grande tristeza...



¹³ Semelhantes a um fio

¹⁴ Desbotando

¹⁵ De cor violeta

¹⁶ Fosco

¹⁷ O mesmo que loureiro, árvore

¹⁸ Parte mais elevada das antigas cidades gregas

¹⁹ Ponto mais elevado

— Amigo, respondeu-lhe Fídias, ignoras que daqui a pouco Górgias²⁰, o Rico, vem buscar as minhas estátuas?

— Isso que tem? Não foi ele quem as mandou modelar? Que admira que venha buscá-las? — e, como o escultor se conservasse enleado, Diógenes fixou-o com um desses olhares que penetram, como punhais, sorriu e disse:

— Pigmalião²¹ apaixonou-se por Galatea²² ; compadecendo-se dele, Vénus acendeu o fogo da vida no vulto lindo da famosa estátua... Sou teu amigo... se possuísse o maravilhoso condão da loira Afrodite, animava também as graciosas estátuas de Fídias

O artista olhou-o surpreendido, no rosto traduziu-se-lhe o vago receio de quem vê descoberto o seu segredo. Imperturbável, o filósofo continuou:

— Segredou-me Esculápio²³ o mal de que padeces... Semelhante a Narciso que se enamorou da própria imagem reflectida na água, tu amas as tuas estátuas...A minha filosofia não consente que te gabe o gosto.

— Pela tua boca falou a Verdade, ó Cínico! — Exclamou Fídias — Apaixonei-me, enamorei-me perdidamente das últimas estátuas que concluí...

²⁰ Filósofo Grego

²¹ Escultor lendário de Chipre

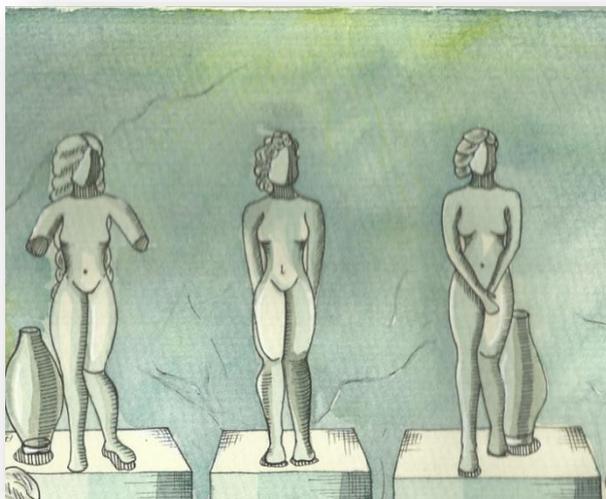
²² Estátua esculpida por Pigmalião

²³ Deus da medicina e da cura

Foi talvez, sob o poderosíssimo impulso do Amor que o meu cinzel atingiu a perfeição de imortalizá-las... de dar-lhes uma segunda e eterna vida... Sim... Amo-as!...

Falando assim, dominado por um estranho fogo de entusiasmo, o artista fez cair os largos panos que ocultavam o seu primoroso trabalho.

Aos olhos deslumbrados e concupiscentes²⁴ do velho filósofo, surgiram, então, no esplendor da sua nudez marmórea, rítmica e linda, as estátuas...



Eram três...

Uma representava Aspasia, a cortesã²⁵ gentil que merecera pela sua beleza, compartilhar o tálamo²⁶ glorioso de Péricles, outra Lais — a ninfa

²⁴ Que manifestam desejo sexual

²⁵ Amante

inspiradora dos quadros de Apeles²⁷ e a outra era Friné²⁸, a formosíssima Friné, cujos cabelos ondulantes lhe serviam de voluptuoso manto às curvas ideais do corpo...

Maravilhado, num grande ar de intensa admiração, Diógenes exclamou:

— Por Zeus! São sublimes! São a tua melhor obra! ... Parece crepitar em todas elas a divina centelha do teu génio...

Compreendo, agora, o teu amor!

Vibrante de entusiasmo, Fídias agarrou o filósofo por um braço e continuou, numa agitação sempre crescente:

— Amo-as, sim! Foram copiadas de mulheres que existem e que eu quero só para mim! Compreenderás tu esta ambição, ó Cínico? — Amo-as louca, perdidamente, porque representam o trabalho de longos dias em que a minha imaginação anteviu os seus encantos ...

Elas são o sonho sem sono das minhas noites de vigília...

A débil chama da inspiração que Palas-Atenas²⁹ acendeu no meu espírito, deixei-a esparsa³⁰ nas divinas expressões daqueles rostos pálidos, na macieza aveludada daquelas carnes, e na rigidez impressionante daqueles torsos onde a graciosa curva dos seios — ninhos ideais das aves do

²⁶ Leito conjugal

²⁷ Pintor da Grécia Antiga

²⁸ Prostituta refinada

²⁹ Deusa da civilização, da sabedoria, da estratégia militar, das artes, da justiça e da habilidade

³⁰ Espalhada, solta

céu — se desenha perfeita e suave, dominando a flexibilidade harmoniosa do busto...

Diógenes sorriu...

— Não esqueças que são mulheres de mármore e já vendidas! — Observou.

Fídias, então, afirmou-lhe, colérico, que não as venderia. Queria-as para si. Restituiria o dinheiro já recebido, embora tivesse de vender a sua pobre casa, embora tivesse de ir, como esfaimado escravo, trabalhar, sob os rigores do tempo, no campo de um senhor!

Qual o oiro capaz de pagar as criações de um artista? Nenhum! Diógenes estava enganado! O génio não se compra! Não se vende o amor verdadeiro...

Continuando a sorrir, o Cínico replicou:

— Enganas-te! Neste mundo tudo se compra. Sempre assim foi, sempre assim há-de ser. O que tens dito será sublime... será grandioso... mas não é verdadeiro. Tudo utopia³¹! Quimera³² vã!

Mas... Sabes? Gosto de dormir ao relento! Adquiri este saudável costume desde que os cães dos rapazes me roubaram o tonel³³ que me servia de abrigo... Deixa-me aconchegar aí para um canto... Livro-te das minhas impertinências e defendo os meus ouvidos imbeles³⁴ das disparatadas sentenças da tua filosofia... oca...

³¹ Sistema ou plano que parece irrealizável

³² Fantasia, ilusão

³³ Vasilha de grande lotação

³⁴ Cobardes, pacíficos

Se vierem ladrões —, não julgues que estou falando ironicamente...
— ladrarei avisando-te, se Morfeu³⁵ mo consentir.

Pago assim a tua hospedagem e creio que não terás motivo para recomendar-me ao negro Plutão³⁶!

E, sem esperar resposta, Diógenes, o Cínico — acomodou-se entre dois pedestais, envolvendo-se o melhor que conseguiu, no seu manto esfarrapado e sujo...

Dali a pouco dormia profundamente...

Fídias olhou-o com inveja!...

Aquele homem era feliz. Do maior desprezo fizera a sua arma terrível contra tudo e contra todos!

Vagueava, feito mendigo, pelas cidades e tinha o soberbo orgulho de julgar-se, na plenitude da sua miserável pobreza e ostentando o seu manto em farrapos, mais rico que todos os ricos!

la, pelos caminhos, ao sol ou ao frio, roto, descalço, rasgando as carnes nas pedras e nos abrolhos³⁷ e dispunha, ainda, da força suficiente para escarnecer de todos, atirando-lhes ao rosto os dardos acerados³⁸ da sua ironia viperina. Era feliz! Era muito feliz, aquele velho andrajoso e tão altivo dos seus andrajos que os não trocava pelo manto roçagante³⁹ de um rei! Podia dormir! Podia sonhar!...

³⁵ Deus do sonho

³⁶ Deus dos mortos e das riquezas

³⁷ Planta com espinhos

³⁸ Afiados

³⁹ Que se vai arrastando pelo chão

Sonhar! ... Viver, em seus sonhos, num mundo bem mais perfeito do que este que ele tanto desprezava...

Meditando assim, Fídias, pouco a pouco, foi tornando ao seu alheamento, inebriando-se com a contemplação da nudez triunfante das suas formosíssimas estátuas.

Despertou-o deste delicioso torpor, um pesado ruído de passos...

Era Gorgias — o Rico — acompanhado pelos amigos e seguido pelos escravos, que vinha buscar as esculturas...

Ao vê-lo, Fídias estremeceu. Sentiu o peso esmagador e cruel da realidade...

Gorgias, depois de saudar o artista, expôs-lhe o motivo da sua visita...

Soubera, por um escravo, que as estátuas estavam acabadas... vinha buscá-las...

— Não as levarás, Gorgias ! — Respondeu tranquilamente Fídias. — Restituo o teu dinheiro e recuso-te o meu trabalho...

Gorgias afogueou-se.

— Como negarás tu o que de direito me pertence? Quero-as! São minhas! Paguei-as com o meu oiro! ... Vou levá-las... exclamou ele, irritado.

— Nunca! — Replicou Fídias, brandindo alucinado a maceta⁴⁰. — Antes quebrá-las do que vê - las maculadas pela prostituição da tua posse! ...

⁴⁰ Instrumento de ferro com que os escultores batem no cinzel

Mas, aquele insólito vozear, despertara Diógenes...

Meio estremunhado ainda, o velho filósofo ergueu-se e correu para o meio do grupo.

— Cães! Nem dormir me deixam! — Regougou⁴¹ ele — mal-humorado.

— Diógenes, — disse Gorgias, ao vê-lo, — tu é que vais resolver o pleito⁴²... Diz: A qual de nós devem pertencer estas lindas estátuas... — mim, Górgias que me apresento a pagá-las a peso de oiro, ou a Fídias que, talhando-as no mármore, levou a sua loucura ao ponto de adorá-las?...

— Sim! Sim! Gritaram todos, Diógenes que decida!

O Cínico meneou a cabeça...

— Pois sim, sim, — disse ele — mas não me pronunciarei sem interrogarmos as estátuas...

Os atenienses entreolharam-se admirados, como que perguntando entre si explicações para as palavras do filósofo... Muitos imaginaram que o velho ensandecera⁴³...

Diógenes compreendeu a verdadeira significação daqueles olhares e foi com soberano desprezo que, seguidamente, tomou a sua lanterna, acendendo-a e falando assim:

⁴¹ Falou com voz áspera e gutural, resmungou

⁴² Litígio, questão

⁴³ Enlouquecera

— A luz deste fanal⁴⁴ chama-se Verdade. É a luz por excelência! Ela vai fazer palpitar, por instantes, esses corpos de mármore, sob a incidência amorável dos seus radiosos feixes...

Vamos! Digam ambos de sua justiça e vós, astutos atenienses, sede os juízes ...

Então, Fídias, avançou para as estátuas que resplandeciam, na sua brancura imaculada e ideal, lembrando a concretização de deliciosas visões de algum divino sonho.

Nos lábios do artista brincava um sorriso de incredulidade... todavia foi com voz trémula, traduzindo uma grande ansiedade, que se lhes dirigiu:

— Lais, Aspásia, Friné! Fídias que vos tornou imortais, suplica-vos que fiquéis com ele!... É pobre e vós sois o seu único tesouro! Ficai! É com um amor imenso que ele promete adorar-vos sempre! ... sempre!

Mas, a luz doirada da lanterna do Cínico, continuou a alumiar os rostos impassíveis das estátuas, nimbando⁴⁵-lhes os gentilíssimos vultos de uma auréola brumosa e lívida⁴⁶ ...

— Foste infeliz, amigo! Concluiu cinicamente o filósofo; — elas nem se moveram!... Agora tu, Górgias.

⁴⁴ Farol, lanterna, fogo

⁴⁵ Cercando com uma auréola

⁴⁶ Pálida, brancura cadavérica

Górgias — o Rico — adiantou-se...

Nos fechos de oiro do seu manto opulento, em cuja fímbria⁴⁷, pérolas e esmeraldas, sustidas⁴⁸ entre rendilhados enfeites, cintilavam como sóis diminuídos pela distância, reluziam rubins⁴⁹ e ametistas...

— Estátuas, disse ele com majestade - não tratei de saber os vossos nomes...basta que não ignoreis o meu... Eu sou Gorgias ! ... Tão rico eu só como todos os opulentos reis da Ásia!

Não vos ofereço amor, sentimento banal de cuja existência sempre duvidei... Prometo-vos palácios, oiro, púrpuras e pedrarias! O sonho fascinante da opulência será para vós, graças à minha riqueza, uma deliciosa realidade! Estátuas, entre uma carícia de amor e um diadema de jóias o que preferis? Entre Górgias — o Rico — e Fidias — o Artista —, a quem escolheis?

Houve um longo silêncio dominador e empolgante...

Na mão trémula e descarnada do velho filósofo, a luz, até ali vacilante e frouxa, rebrilhou mais intensa... Um luzir etéreo espargiu⁵⁰-se no ar e, sob aquela claridade fantástica, as três estátuas em cujos vultos harmoniosos circularam suavíssimas tonalidades, como de sangue vivo, que

⁴⁷ Franja, orla da roupa

⁴⁸ Presas

⁴⁹ O mesmo que rubis

⁵⁰ Espalhou-se, difundiu-se

viesse animá-las — voltaram, para Górgias triunfante, os seus rostos divinais, sorrindo amorosamente...



E nas frentes puríssimas de todas, transluzia uma felicidade inexcelsível!

— Venceu Górgias ! Venceu Górgias ! Ululou⁵¹ a multidão.

Fídias, aniquilado, encostou-se ao peito amigo de Diógenes — o Cínico que, por entre os dentes e enquanto os servos de Górgias se dispunham a transportar as estátuas, murmurou convulso:

— Mulheres de mármore! Vil carne corrupta! Ignóbeis cortesãs do Passado, do Presente e do Futuro, sois todas o mesmo!...

⁵¹ Gritou

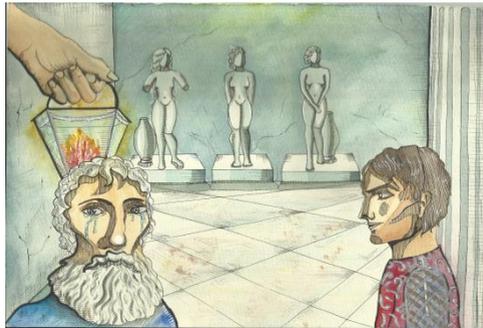
Segui, segui pela luminosa Estrada do Oiro, mas lembrai-vos de que a lama, bem mais plástica e preciosa do que as carnes dos vossos corpos de deusas, também reluz sob os beijos do sol!...

Fídias soluçava triste...

Os graciosos e brancos vultos das três estátuas, levadas pelos escravos de Górgias, desapareciam ao longe, perdendo-se na bruma, como lindíssimas ninfas raptadas por faunos grosseiros...

.....

Caíra a noite e, ao redor de Atenas, as raparigas enamoradas, queimavam, em ingénuos sortilégios, ramos secos de tomilho e loureiro, cujo fumo diáfano⁵², elevando-se, ia construindo no espaço colunas corolíticas⁵³ que pareciam suster uma cúpula toda azul cravejada de estrelas...



⁵² Transparente

⁵³ Que têm ornatos de folhas e flores em espiral